

## AULA 5: FLEXÃO NOMINAL: SINCRONIA E DIACRONIA

### 1. Introdução

- 2 tipos de flexão:
  - interna – morfes alternantes
  - externa – por meio de sufixos (denominados “desinências”)
- Para os verbos:
  - Flexão que marca modo e tempo (desinência modo-temporal)
  - Flexão que marca número e pessoa (desinência número-pessoal)
- Para os nomes (adjetivos e substantivos) e pronomes: no máximo, 4 desinências
  - Desinência de gênero (DG) – masculino – Ø<sup>1</sup> e feminino [a]
  - Desinência de número (DN) – singular – Ø e plural [s]
- Nem todo nome ou pronome possui essas quatro subcategorias:
  - Só há masculino, se houver feminino correspondente e vice-versa
  - Não há plural sem singular e vice-versa

---

<sup>1</sup> O zero (Ø) só pode ser usado na ausência de morfê, mas não na inexistência de morfê.

- “ele”, “doutor”, “ateu” e “espanhol” são marcados pela desinência zero (Ø) que se **opõe** (oposição privativa) ao morfê [a] dos femininos “ela”, “doutora”, “atéia” e “espanhola”<sup>2</sup>
- Em “livro”, “sacrário” e “cinzeiro” não há marca de masculino porque não existem os femininos “\*livra”, “\*sacrária” e “\*cinzeira”
- Em “máquina”, “caneta”, “criatura” e “sacola”, o [a] não é desinência de gênero, mas vogal temática
- O [a] final de substantivos comuns de dois gêneros não é desinência de feminino, mas vogal temática, uma vez que ele também aparece no masculino.
- “Todo” possui morfê zero para masculino em oposição ao [a] e outro morfê zero para singular contrastando com o [s] de plural.
- O pronome “tudo” não possui zeros flexionais, pois não há “\*tuda” ou “\*tudos”
  - O paradigma flexional dos nomes em português é sempre estabelecido por oposições desinenciais.

---

<sup>2</sup> Oposição privativa: uma determinada marca se opõe à ausência de marca numa forma correspondente (ex.: plural e singular em português; feminino e masculino nessa mesma língua). Oposição equipolente: oposição entre marcas, sem que nenhuma esteja ausente (ex.: oposições entre desinências verbais (modo-temporal e número-pessoal) em português).

### 1.1. Sobre o grau em português

- O grau não deve ser entendido como flexão porque se forma através de processos diversos
- Conforme Câmara Jr (2011 [1971]: 83): “A expressão de grau não é um processo flexional em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos de termos exclusivos entre si.”
- **Grau dos substantivos:** aumentativo e diminutivo
- 2 possibilidades de formação: adjunção de sufixos ou emprego de determinantes que acresçam as noções de grandeza e pequenez
- Adjunção de sufixos derivacionais: processo morfológico derivacional
  - Ex.: casa → **casarão**; **casinha**
- Emprego de adjetivos: processo sintático – a forma do substantivo não é alterada
  - Ex.: casa → casa **grande**; casa **pequena**
- **Grau dos adjetivos:** comparativo e superlativo
- 2 possibilidades de formação: por processos derivacionais ou expedientes de natureza sintática
  - **Grau comparativo:** de igualdade, de inferioridade e de superioridade
    - O adjetivo não sofre alteração mórfica

(1) a. João é **tão** inteligente **quanto** Maria. (comparativo de igualdade)

b. João é **menos** inteligente **que** Maria. (comparativo de inferioridade)

c. João é **mais** inteligente **que** Maria. (comparativo de superioridade)

- **Grau superlativo:** por meio de morfemas derivacionais:

- Ex.: **belíssimo** e **celeberrimo**
- Por meio de outras estratégias:
  - Repetição do adjetivo: “lindo, lindo, lindo” (= lindíssimo)
  - Uso de formas aumentativas: “lindão” (=lindíssimo)
  - Empregos dos morfemas [ultra], [híper], [arqui], [super]: “super lindo” (=lindíssimo)
  - Comparação: “forte como um touro” (=fortíssimo)
  - Expressão idiomática: “lindo de morrer” (=lindíssimo)

### 1.2. A flexão de grau em latim

- Flexão de grau em latim: desinências especiais no adjetivo para expressar o maior grau da qualidade desse adjetivo entre duas situações a que ele se refere
  - Comparação de um ser em relação a outro: grau comparativo

- Grau comparativo: expresso por “-ior” no masculino e no feminino e por “-ius” no neutro
- O adjetivo flexionado em grau no latim concordava em gênero, número e caso com o substantivo a que sobrelevava e que se opunha a outro no caso ablativo<sup>3</sup>:

(A) *Vilius virtutibus aurum.*

“O ouro vale menos que as virtudes.” Ou: “O ouro é mais desvalioso que as virtudes.”

- Comparação de um ou mais seres em relação à totalidade a que pertencem: grau superlativo: desinência “-issim-“ (ou -im-, se o radical do adjetivo terminava em /l/ ou /r/), seguida da desinência casual da 2ª. declinação (masculino) ou da 1ª. (feminino)
  - Superlativo relativo: *mater felicíssima* “mãe muito feliz”
  - Superlativo absoluto: *felicíssima matrum* “a mais feliz das mães”
- A flexão de grau desapareceu das línguas românicas

---

<sup>3</sup> Esse outro também podia vir no mesmo caso que o precedente a ele conjugado pela particular “quam”. Foi esse último padrão que passou para o português sem o comparativo flexional.

- O português clássico, por influência italiana, tomou de empréstimo ao latim literário formas adjetivas como *felicissimu-*, *facillimu-*, *pauperrimu-* para intensificar a qualidade do adjetivo
- É um processo de derivação para os adjetivos do português que, agora, tem criado formas intensivas diretamente do adjetivo português (pobre, pobríssimo), mas limitado em extensão e uso pela prevalência do uso do advérbio “muito” + adjetivo (qualidade intensificada) ou do advérbio “pouco” + adjetivo (qualidade reduzida)

### 1.2.1. Flexões de grau estereotipadas

- “maior”, “menor”, “melhor”, “pior”, “mais”, “menos”
  - Historicamente, os quatro primeiros têm a desinência de comparativo *-ior* latina e os dois últimos são advérbios que passaram a funcionar também como adjetivos ao lado de um substantivo (“mais/menos livros”)
- “superior”, “inferior”, “anterior”, “posterior”, “exterior”, “interior”
  - No latim, eram formas de flexão comparativa. Em português, o uso mais comum ou exclusivo dessas formas não é mais de comparação: “espírito superior” (espírito muito elevado); “sentimento interior” (sentimento que não aparece)

## 2. Flexão de gênero

**2.1. Regra geral de feminino:** adjunção da desinência [a] com a supressão da vogal temática, se estiver presente no masculino:

(2) autor + a = autora

juiz + a = juíza

o + a = oa → a

justo + a = justoa → justa

aluno + a = alunoa → aluna

- Alomorfia - /o/ ~ /O/, em vez da desinência [a] de feminino: avô; avó
- Além da alternância vocálica redundante, inserção de glide para evitar o hiato, após o acréscimo da desinência [a] de feminino e elisão da vogal temática: at[e]u + a = at[E]ua → at[E]a → at[E]ia
- Aplicação do morfema subtrativo (supressão de parte do corpo fônico da palavra): réu; ré
- Alternância vocálica /e/; /E/ ou /o/; /O/, além da desinência de feminino: [e]ste + a = [E]stea → [E]sta; s[o]gro + a = s[O]groa → s[O]gra<sup>4</sup>

## 2.2. Nomes em –ão

- Nome terminado em [ão] no singular, mas com forma teórica em [õe] (tirada do plural):

<sup>4</sup> Se houver alternância vocálica no feminino, também haverá no plural: caridoso, carid[O]sa, carid[O]sos.

- Desnasalização após a queda da vogal temática: leitão → \*leitõe + a = leitõea → leitõa → leitoa
- Surgimento de consoante nasal /n/ antes do acréscimo da desinência, quando [ão] = sufixo aumentativo: valentão → \*valentõe → valentõn + a → valentona
- Nomes terminados em [ão] no singular que não fazem o plural em [ões]:
  - Supressão da vogal temática, sendo o feminino marcado por um morfema subtrativo: órfão, órfã; irmão, irmã

## 2.3. Nomes com alomorfia na raiz

- Na forma feminina, além da desinência [a], existe um sufixo derivacional que, sincronicamente, esvaziou-se semanticamente, são os casos de:

(3) rei, **rainha**; abade, **abadessa**; diácono, **diaconisa**; cônsul, **consulesa**; herói, **heroína**; maestro, **maestrina**; príncipe, **princesa**; profeta, **profetisa**

- A alomorfia no radical funciona como um traço redundante na distinção dos gêneros, pois a flexão de gênero se dá pela desinência:

(4) frade, **freira**; judeu, **judia**; meu, **minha**; teu, **tua**

- Também há oposição decorrente de um sufixo lexical para o masculino e outro para o feminino (processo não flexional, mas de distribuição léxica): imperador; imperatriz (sufixos: -dor e -triz)
  - O sufixo -triz tem em si imanente o gênero feminino; é teoricamente -suf. + desinência zero de feminino.
  - Pode haver também uma forma flexional com a desinência -a, como foi usual na língua clássica: embaixadora; imperadora.

#### 2.4. Gênero heteronímico

- Processo supletivo (processo de distribuição léxica à margem da morfologia nominal) que se dá pelo uso de outra palavra que supre a ausência de feminino, no caso de substantivos masculinos que não possuem femininos correspondentes, em termos morfológicos:

(5) homem, **mulher**; cavalo, **égua**; cão, **cadela**; boi, **vaca**; pai, **mãe**; bode, **cabra**

#### 2.5. Nomes de gênero único e nomes de dois gêneros não marcados por flexão

- Nomes que não podem ser morficamente considerados como masculinos ou femininos (assim como os exemplos em (5)) porque lhes falta o traço desinencial contrastivo
- **Nomes de gênero único:**

(6) (a) flor, (a) tribo, (o) cadáver, (a) vítima

- **Nomes de dois gêneros não marcados por flexão**, mas por oposições na estrutura sintática

(7) (o, a) estudante, (o, a) cliente, (o, a) dentista

#### 2.6. Gênero e sexo

- Gênero é categoria gramatical e sexo é conceito biológico
- As correspondências nem sempre ou quase nunca ocorrem:
  - Há substantivos que designam seres assexuados, objetos ou abstrações, sem que por isso deixem de se enquadrar no masculino ou feminino: **a alma, a justiça, o jarro**
  - Há termos sinônimos de gêneros distintos: **a ave e o pássaro**
  - Certos substantivos mudam de gênero no aumentativo ou diminutivo: **uma mulher; um mulherão**
- Conforme Hjelmslev (1976:152): “a categoria de gênero teve um conteúdo semântico, porém já não o tem; é uma relíquia de algo ultrapassado.”

#### 2.7. Gênero e espécie

- Em muitos casos, enquanto o nome masculino tem uma aplicação mais genérica, o nome feminino tem uma aplicação mais específica:

(8) fruto – fruta; barco – barca; caneco – caneca; jarro – jarra; horto – horta; lenho – lenha; lenho – lenha; madeiro – madeira; ovo – ova; mato – mata

- Nesses casos, o morfe [a] é usado para marcar diferenças de dimensão entre o masculino e o feminino, de maneira semelhante à adjunção dos sufixos aumentativos

## 2.8. Desinência de gênero ou sufixo

- Para alguns autores (Bechara, 1999; Azeredo, 2000): o morfe [a], marcador do gênero feminino, é um sufixo derivacional quando o nome for um substantivo
- Argumentos segundo essa visão:
  - Em **lobo –loba** tem-se derivação, uma vez que as formas do masculino e do feminino expressam significações diferentes
  - O morfe [a] não se aplica sistematicamente a todos os substantivos
- Argumentos contra essa visão:
  - Morfologicamente, o adjetivo tem o mesmo comportamento do substantivo, uma vez que há adjetivos uniformes (doente, simples)
  - Sendo os adjetivos e os substantivos pertencentes à mesma classe de palavras, a classe dos nomes, é incoerente admitir que o [a] seja desinência de gênero para os adjetivos, mas sufixo derivacional nos substantivos

- Conforme Azeredo, em vocábulos que são potencialmente substantivos e adjetivos (faxineiro, embaixador, sabichão), “existem contrapartes femininas regularmente formadas por flexão”. Sendo substantivos e adjetivos funções sintáticas, e não classes de palavras, não há como saber, somente se utilizando de critérios morfológicos, quando um nome funciona exclusivamente como adjetivo ou como substantivo
- Se **lobo e loba** não são a mesma palavra, mas palavras distintas, os femininos de pronomes (**ela, toda, aquela**) ou de numerais (**uma, duas**) também seriam palavras distintas do masculino correspondente?

## 3. Flexão de número

- Regra geral: acréscimo de [s] ao singular:

(9) vítima + s = vítimas; mesa + s = mesas

- [s] possui alomorfes a depender do contexto fonológico e de variáveis dialetais

### 3.1. Casos especiais

**3.1.1.** Se o nome termina por /l/, /S/ ou /R/, pressupõe-se uma vogal temática [\*e], depois da qual se acrescenta a desinência

- (10) a. mal → \*male + s = males  
b. vez → \*veze + s = vezes  
c. elixir → \*elixire+s = elixires

- Os nomes do singular terminados em /l/, /S/ e /R/ provêm da 3<sup>a</sup> declinação latina, de tema em –e
  - No singular: mudança de silabação com a integração da consoante na sílaba precedente e queda do –e final
  - No plural: a sibilante de travamento, /S/, impediu a mudança e permaneceu a vogal do tema: mare > mar, mares (em vez do neutro “maria”) > mares; male > mal, males > males<sup>5</sup>
- Se o nome terminado em /S/ for não oxítono, não se reporá a vogal temática e o plural é marcado sintaticamente: o lápis; **os** lápis
  - Com /S/ final, os plurais proparoxítonos, resultantes dos nomes singalres paroxítonos em /S/, não se mantiveram. Houve a supressão do final átono –es e o plural passou a ser marcado, em português, apenas sintaticamente: o ourives; os ourives
- Os nomes terminados em /l/ sofrem alterações morfofonêmicas depois da adjunção da desinência

<sup>5</sup> Esse processo histórico corresponde à incompatibilidade de grupos consonânticos finais /rs/, /ls/ na estrutura fonológica do português, bem como da geminação /ss/. Daí, em empréstimos como “revólver” ou “gás” termos “revólveres” e “gases” no plural.

1. Acréscimo da desinência, síncope da líquida intervocálica e ditongação:

- (11) a. \*carnavale + s = carnavales → carnavaes → carnavais  
b. \*coronele + s = coroneles → coronees → coronéis

- Quando a consoante final do nome singular é /l/, apenas “males” e o termo literário “cônsules” é que não sofrem o processo especificado acima.
  - Historicamente, a queda do /l/ intervocálico, regular na evolução do consonantismo português, criou o contato da vogal –e do tema com a vogal tônica precedente e daí resultaram os processos de ditongação.
2. Se a vogal antes de /l/ for /i/:
- /i/ átono: supressão do /l/ depois de /i/ átono, com passagem de /i/ a /e/ e ditongação: fácil → fáceis
  - /i/ tônico: supressão do /l/ depois do /i/ tônico: anil → anis
- Historicamente:
    - Com as vogais /a, o, u/, houve diretamente o ditongo: sal, **sais**; sol, **sóis**; e o mecanismo da supressão do /l/ e ditongação ficou regra geral

- Com /E/ e /e/ átono, houve a fase intermediária de /ee/ geminados: cruées (latim: crudeles), amáveis (latim: amab̃iles); e, no fim do período arcaico do português, deu-se a ditongação: cruéis, amáveis
- Com /i/ tônico: da fase intermediária /ie/ passou a /ii/ e finalmente /i/. A regra sincrônica é: apenas supressão do /l/ final do singular: sutis (latim: sub̃tiles)
- Os empréstimos do latim literário introduziram na língua portuguesa nomes com final em /i/ átono (correspondentes a ĩle com “i” breve) e o /l/ de travamento se manteve em posição átona final. A supressão do /l/ diante de –es no plural criou um final /ies/, que evoluiu para /ees/, com a posterior ditongação de /ee/ geminados: flébil → flebiles → flebies → flebees → flébeis
- Além do acréscimo da desinência –s para marcar o plural, pode haver também alterações de ordem fonológica:
  - Alternância do timbre do /o/ tônico que passa a /O/ no plural.<sup>6</sup>
    - Essa alternância não é condicionada pelo mecanismo fonológico atual da língua, mas

<sup>6</sup> Este não é um mecanismo geral e firme. Entre os nomes que são exclusivamente substantivos, muitas vezes não aparece: l/o/bo; l/o/bos.

sua origem está na metafonía que se verificou (na passagem do latim vulgar para o português) nos nomes latinos de vogal tónica /õ/ breve. Esse processo, como mecanismo morfológico redundante de oposição entre singular e plural também se estendeu para os nomes com vogal tónica /õ/ longo e para os adjetivos de sufixo lexical –oso (latim: –õsum) e com alguns substantivos nas mesmas condições

- (12) a. /o/vo e /O/vos (latim: õvum); gr/o/sso e gr/O/ssos (latim: grõssum)  
b. f/o/rno e f/O/rnos (latim: fũrnum; fũrnos)

### 3.1.2. Nomes terminados concretamente em –ão:

- O plural se forma regularmente, sem registro de qualquer alomorfa:
- (13) a. cristã + o + Ø → cristã + o + s  
b. mã + o + Ø → mã + o + s
- Antes do acréscimo da desinência [s], há a troca do –o pelo –e:
- (14) a. capitã + o + Ø → capitã + e + s  
b. pã + o + Ø → pã + e + s



- Além da troca da vogal temática, há alternância na vogal do radical

(15) a. paixã + o + Ø → paixõ + e + s  
b. sermã + o + Ø → sermõ + e + s

- A distribuição desses três tipos de plural é arbitrária e há frequentes interferências entre eles com variação livre. Entretanto, a tendência é no sentido da fixação das variações morfofonêmicas –ão : -ões, em virtude da maior quantidade de nomes do antigo tipo em –om, se comparados aos do tipo em –ão e –am.
- Historicamente: Os nomes em final –ão tônico são os nomes latinos no singular de tema em –e precedidos de /n/ intervocálico que, na passagem para o português, perderam o /e/ final do tema (port. Arcaico: razom < racione (latim); pam < pane (latim))
- A vogal do tema se conservou no plural (apoiada no travamento da sibilante (razões, pães). Isso foi o que vigorou em português por muito tempo: ausência de vogal final –e do tema no singular, mas sua presença no plural
- Em seguida, houve uma ditongação dos finais tônicos –om e –am para –ão e houve confluência no singular desses nomes de tema em –e com outros de tema em –o, que tinham um final em –ão (mão < manu (lat), são < sanu (lat), irmão < (g)ermanu (lat))

#### 4. Leituras obrigatórias

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011[1971], pág. 81-96.

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, pág. 71-88.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002, pág. 79-90.